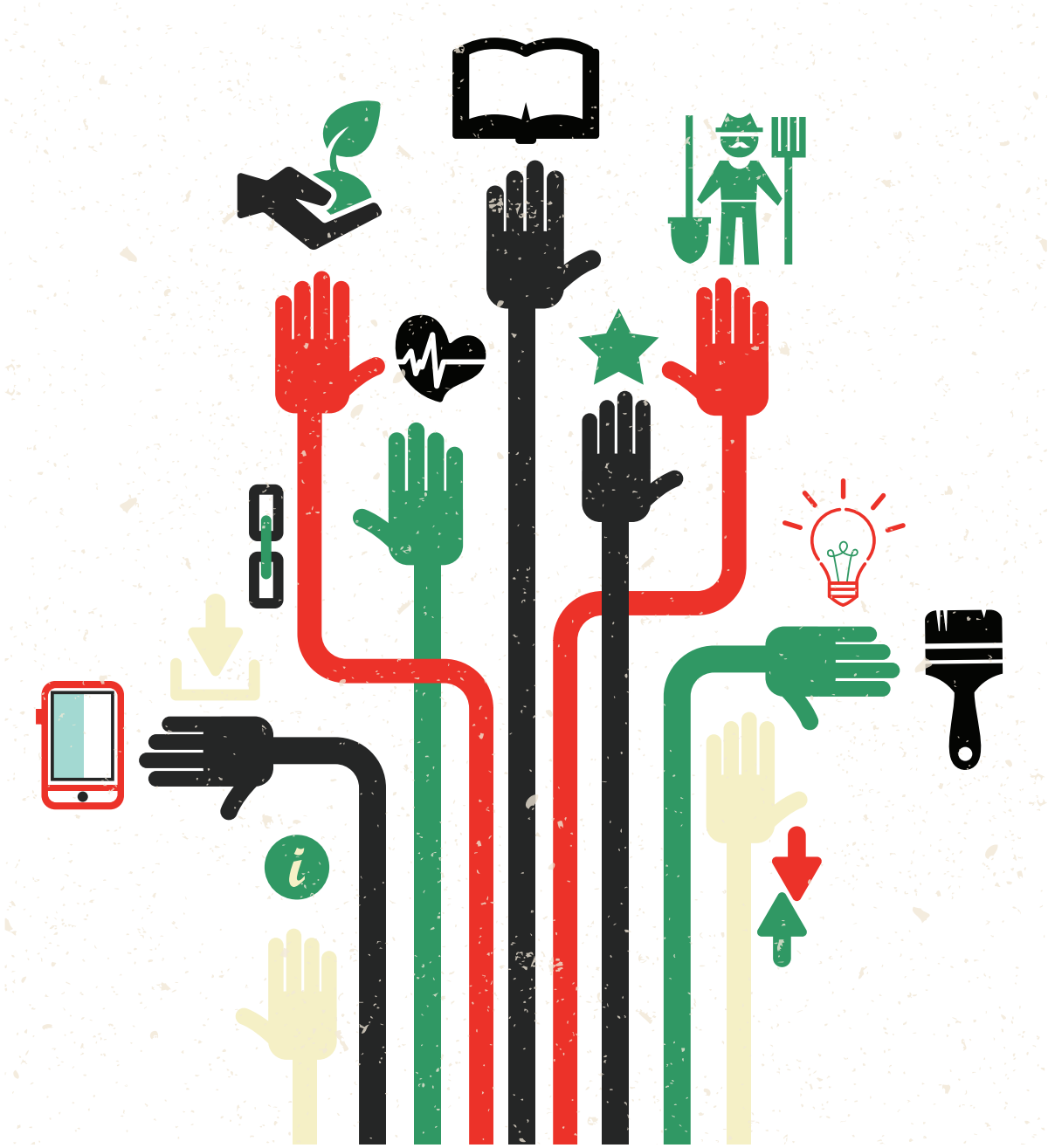
eJOURNAL USA | DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

EJ|USA



VOLUNTÁRIOS:
resposta ao chamado

NESTA EDIÇÃO: BALEIAS COM ALMA | MILAGRES EM 3D | BALANÇO AMERICANO | PAPO DE DIPLOMATA | MEMÓRIAS DO SUL

Editor EJ|USA
IIP/CD/WC
Departamento de Estado dos EUA
2200 C Street, NW
Washington, DC
20522-0501 USA
e-mail: ejusa-suggestions@state.gov

Inscrição ISBN 978-1-625-92050-8

Departamento de Estado dos EUA
Bureau de Programas de Informações Internacionais

Coordenadora em exercício do IIP
Maureen Cormack

Editor executivo
Nicholas S. Namba

Diretor de conteúdo escrito
Michael Jay Friedman

Equipe editorial

Editora-gerente
Elizabeth Kelleher

Gerente de projeto e produção
Michelle Farrell

Editores
MacKenzie Babb, Lauren Monsen, Mark Trainer, Sonya Weakley, Andrzej Zwaniecki

Designers
Lisa Jusino, Julia Maruszewski, Lauren Russell

Redatores colaboradores
Fred Bowen, Christopher Connell, Thomas Pickering, Douglas Wolk

Projeto da capa
Michelle Farrell / © Stella Caraman

Publisher
O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica a revista eletrônica eJournal USA. Cada edição fornece aos leitores internacionais reflexões sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada edição de *EJ|USA* é publicada nos formatos impresso e eletrônico em inglês e também pode estar disponível em um ou nos dois formatos em árabe, chinês, francês, persa, português, russo, espanhol e outros idiomas. Cada edição é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas na *EJ|USA* não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas edições da *EJ|USA*; a responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos da EJ|USA podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos. As fotografias e ilustrações podem ser reproduzidas se não tiverem restrições explícitas de direitos autorais. Se estiverem protegidas por direitos autorais, é necessário pedir permissão aos detentores dos direitos mencionados em cada edição.

EJ|USA

Voluntários constroem uma trilha de caminhada na Montanha Casa Grande
CASA GRANDE, ARIZONA

© JIM PARKIN/SHUTTERSTOCK.COM

EJ|USA

Setembro de 2013

voluntários:
resposta ao chamado

ESPECIAL

8 VOLUNTÁRIOS: RESPOSTA AO CHAMADO
Corpo da Paz: uma experiência ousada, Transformando Bangladesh, In loco

Departamentos

3 INSTANTÂNEOS DOS ESTADOS UNIDOS
Telefones são para falar?; Digite mensagens de texto por sua própria conta e risco; Acompanhando os Garcias; Os dez cursos universitários mais cotados

4 CIÊNCIA
Velhos espíritos

6 MERCADO
Os milagres em 3D estão ao nosso alcance?

18 COMUNIDADES
O lirismo dos Estados Unidos

20 PAZ E SEGURANÇA
O que disseram os diplomatas

22 ARTES
Escribas do Sul

24 LAZER
A linguagem dos esportes

26 EDUCAÇÃO
Palavra por palavra

27 RECURSOS
Ligando os pontos

28 THOMAS PICKERING: ÚLTIMA PALAVRA
Dínamo diplomático

© SHUTTERSTOCK.COM

Valores americanos

© D.A. PETERSON

Ao pesquisar para a matéria de capa deste mês, debrucei-me sobre um importante valor americano: o voluntariado. Editei os relatos de pessoas que fizeram trabalho voluntário em diversos lugares do mundo e não pude deixar de sentir orgulho. O voluntariado está entrelaçado no nosso tecido social. Há gerações os americanos se comprometem a ajudar quem passa necessidade no nosso país ou no exterior.

A nossa equipe não é exceção; de uma maneira ou de outra, cada um de nós trabalhou voluntariamente para ajudar outras pessoas. A designer gráfica Lauren Russell ensinou alunos carentes de pré-escola a ler, e Julia Maruszewski usou suas habilidades em design para criar brochuras para uma fundação que apoia jovens em situação de risco. A redatora Lauren Monsen começou a dedicar tempo para a Fundação Lúpus dos Estados Unidos depois que um ente querido foi diagnosticado com a doença. Eu ensino inglês para imigrantes.

Se estiver procurando uma maneira de participar, pense nas suas habilidades. Se você é bom em construção, procure um vizinho que precise fazer algumas reformas em casa. Se gosta de analisar dados, veja em organizações locais se não estão precisando de ajuda no planejamento orçamentário. Gosta de escrever? Organizações sem fins lucrativos muitas vezes recrutam voluntários para redigir cartas para arrecadação de fundos.

Nestas páginas, você com certeza encontrará inspiração ao procurar pela oportunidade perfeita.

– MacKenzie Babb

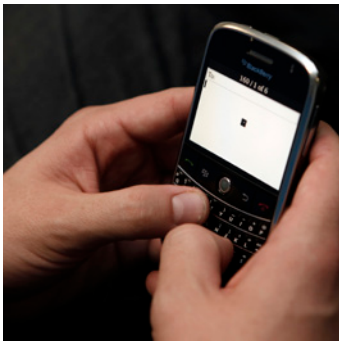
melhore seu **inglês**

e fique por dentro da **cultura americana!**

SERVIÇO DO BUREAU DE ASSUNTOS EDUCACIONAIS E CULTURAIS, DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

americanenglish.state.gov

Instantâneos dos Estados Unidos



Telefones são para falar?

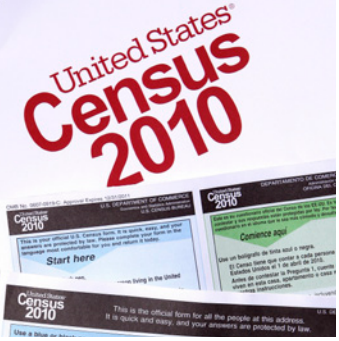
A mensagem de texto simples, também conhecida como serviço de mensagens curtas ou SMS, continua a dominar os hábitos de comunicação dos adolescentes americanos. Os resultados de "Teens, Smartphones & Texting" ("Adolescentes, Smartphones e Mensagens de Texto"), pesquisa de 2012 do Centro de Pesquisas Pew, mostram que os adolescentes enviam uma média de 60 mensagens de texto por dia, acima das 50 de 2009, por meio de telefones celulares.

A pesquisa indica que 75% dos adolescentes americanos trocam mensagens de texto, com 63% escrevendo mensagens todos os dias. Meninas mais velhas são as usuárias mais entusiásticas das mensagens de texto, trocando mais de cem mensagens por dia. Falar ao telefone, no entanto, é coisa do passado. Apenas 26% dos adolescentes relatam o uso diário de telefones celulares para falar, abaixo dos 38% de 2009.

Digite mensagens de texto por sua própria conta e risco

Você consegue andar e digitar mensagens de texto? É provável que consiga, mas provavelmente não deveria. Uma pesquisa recente com universitários americanos indica que os que digitam mensagens ao atravessar cruzamentos formam o grupo de pedestres fissurados em tecnologia com maior probabilidade de desobedecer faróis, atravessar no meio da rua ou deixar de olhar para os dois lados.

Leah Thompson, aluna da Faculdade Amherst de Massachusetts, realizou o estudo ao trabalhar como estagiária no verão de 2012 no Centro de Pesquisa e Prevenção a Lesões Harborview de Seattle. Ela e duas assistentes observaram 20 cruzamentos movimentados. Quase 30% dos pedestres observados estavam perigosamente distraídos digitando mensagens, falando ao telefone ou ouvindo música, mas os que digitavam mensagens quebraram a maioria das regras.



Acompanhando os Garcias

Informações sobre a contagem da população pelo Bureau do Censo dos EUA, realizada a cada dez anos, diz muito sobre o país. Observem, por exemplo, os sobrenomes.

Em 1990, os dez mais frequentes eram anglo-europeus; Smith, Johnson e Williams eram os mais comuns. Em 18° lugar Garcia era o nome hispânico mais popular, com Martinez em 19°. Em 2010, o 8° e o 9° sobrenomes mais populares nos EUA eram Garcia e Rodriguez, com Martinez em 11° e Hernandez em 15°.

O que aconteceu? Jeffrey Passel, do apartidário Centro Hispânico Pew, disse que a população hispânica dos EUA cresceu de aproximadamente 14 milhões em 1980 para mais de 50 milhões em 2010, a maioria proveniente dos 20 primeiros anos de imigração. "Por volta dos anos 2000 realmente começamos a ver o crescimento devido a novos nascimentos, resultado do alto índice de imigração."

© AP IMAGES

Os dez cursos superiores mais cotados

Os cursos universitários que muitos alunos americanos buscam podem não atrair os melhores empregos no mercado atual, mas podem oferecer mais opções de carreira de longo prazo, de acordo com o Princeton Review 2013.

Os dez cursos universitários mais populares são: Administração de Empresas; Psicologia; Enfermagem; Biologia; Pedagogia; Língua e Literatura Inglesa; Economia; Oratória e Retórica; Ciência Política e Governo; e Ciência da Computação.

Desafiadores do ponto de vista acadêmico, esses cursos ajudam a desenvolver habilidades que podem ser aplicadas a diferentes carreiras. O Princeton Review aconselha estudantes a "cultivar as predileções e explorar novos interesses" enquanto decidem que curso por fim lhes servirá de ganha-pão.

Velhos espíritos

LAUREN MONSEN

A caça às baleias pelos esquimós, praticada da mesma forma desde tempos imemoriais, oferece pistas sobre alguns dos maiores animais do mundo

Nas águas do Ártico na costa do Alasca, as baleias-da-groenlândia — caçadas quase à extinção um século atrás — agora são consideradas os mamíferos mais longevos do mundo.

Os cientistas estimam em 14 mil as baleias-da-groenlândia no Alasca, número superior às 1.200 que sobreviveram às expedições de caça realizadas por empresas da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, durante o final do século 19 e início do século 20. Notavelmente, algumas das baleias de hoje já viviam naquela época.

Craig George, biólogo do Departamento de Manejo da Vida Selvagem de North Slope em Barrow, no Alasca, disse que só na década de 1990 os cientistas começaram a suspeitar que as baleias-da-groenlândia podiam viver mais de 200 anos. As indicações surgiram em uma caça às baleias para subsistência realizada por esquimós do Alasca. (Os nativos do Alasca podem abater até 67 baleias-da-groenlândia por ano, mas raramente pescam esse tanto.)

Os nativos trabalham com os cientistas para proteger a população local de baleias-da-groenlândia e, quando pescaram uma delas em 1992 que mostrava sinais de idade avançada, chamaram George para examiná-la.

"Baleias velhas têm uma camada de gordura muito dura e muitas cicatrizes", explicou George. "Elas têm marcas das mordidas de baleias-assassinas, cicatrizes deixadas pelo gelo e marcas de perfurações" que testemunham uma vida longa e agitada.

Foi considerado que a baleia capturada tinha 130 anos, segundo estimativa feita por meio de uma técnica de análise de idade desenvolvida por Jeffrey Bada, químico especializado em vida marinha da Universidade da Califórnia, em San Diego. Bada estuda as lentes oculares das baleias, que contêm aminoácidos que aumentam a taxas previsíveis ao longo do tempo.

Quando os cientistas enviaram os globos oculares de outras baleias-da-groenlândia capturadas no Alasca para o laboratório de Bada, ele descobriu que muitos eram de baleias com mais de 100 anos de idade e calculou que uma delas teria 211 anos. "Esses são números conservadores; provavelmente as baleias são mais velhas", disse Bada.

As conclusões de Bada são respaldadas por outras evidências. Algumas baleias capturadas tinham pontas de arpões antigos no corpo, indicando que sobreviveram a ataques de baleeiros no século 19.

Nem todos ficaram surpresos. Um esquimó capitão de baleeira disse a George: "Há muito tempo sabemos que as baleias-da-groenlândia vivem duas vezes mais que os humanos".

Segundo George, "os cientistas tendem a ter um grande conhecimento dos aspectos técnicos — sequências genéticas, estrutura da retina, níveis hormonais — mas em termos de conhecimento prático e geral sobre as baleias-da-groenlândia, os caçadores nativos do Alasca são especialistas".

Destinadas à longevidade

A camada de gordura das baleias-da-groenlândia é de 50 centímetros, o que as ajuda a sobreviver por longo tempo com escassez de alimentos. Além disso,

Baleia-da-groenlândia sobe à superfície depois de um mergulho às margens de um bloco de gelo

© PAUL NICKLEN/NATIONAL GEOGRAPHIC CREATIVE

elas praticamente não têm doenças do coração nem do fígado e tampouco tumores, disse a veterinária de animais selvagens Cheryl Rosa.

As fêmeas passam pela menopausa, mas são férteis até a idade de 100 anos, e os machos continuam férteis até 150 anos.

Mas os esquimós temem que a mudança do clima possa prejudicar essa recuperação numérica das baleias do Alasca. Com o derretimento do gelo do Ártico, o terreno se torna mais acessível, portanto, a perfuração de petróleo — e o desenvolvimento — aumenta. O Estreito de Bering, canal usado pelas baleias-da-groenlândia para migrar, está atraindo mais tráfego naval, aumentando o risco de ataques acidentais às baleias.

Os nativos do Alasca estão trabalhando com a Guarda Costeira dos EUA para evitar os ataques de navios, e a Organização Marítima Internacional monitora a situação, informou Michael Tillman, da Comissão de Mamíferos Marinhos.

A elevação das temperaturas é uma preocupação, disse Tillman, mas esse fenômeno está desafiando as hipóteses dos cientistas: "Pensávamos que as baleias-da-groenlândia eram dependentes do gelo. Apesar do aquecimento do Oceano Ártico, as baleias-da-groenlândia estão bem. Elas podem se adaptar melhor do que imaginávamos." ▧

A cultura da caça às baleias

"A BALEIA-DA-GROENLÂNDIA É MUITO IMPORTANTE PARA O NOSSO MODO DE VIDA. SEMPRE PENSO QUE A NOSSA CULTURA BALEEIRA É A ÚLTIMA CULTURA NATIVA IMPORTANTE DOS EUA TOTALMENTE VIVA. (...) TANTAS OUTRAS ESTÃO DESAPARECENDO!"

— JOHNNY AIKEN, DA COMISSÃO BALEEIRA DOS ESQUIMÓS DO ALASCA

© PAUL NICKLEN/AP IMAGES

Um grupo de pessoas em Barrow, no Alasca, reúne-se ao redor de uma baleia-da-groenlândia que servirá de alimento para a comunidade
BARROW, ALASKA

- O Alasca tem cerca de **160 capitães de baleeiras**, cada um deles com tripulações pequenas que em geral incluem os irmãos e as irmãs.
- A carne das baleias é distribuída na comunidade nativa, e mais da metade dos **8.500 habitantes de North Slope depende da pesca anual das baleias-da-groenlândia.**
- **Os Estados Unidos são um dos quatro países da Comissão Baleeira Internacional cujas populações indígenas vivem da pesca das baleias para subsistência;** os outros países são Rússia, Dinamarca (em nome da população indígena da Groenlândia) e São Vicente e Granadinas. Os esquimós dividem sua cota (permissão para abater 67 baleias por ano) com seus vizinhos russos. Os EUA compartilham relatórios sobre captura de baleias e dados científicos sobre esses animais.

Ouvir é uma das formas usadas pelos cientistas para fazer a contagem das baleias.

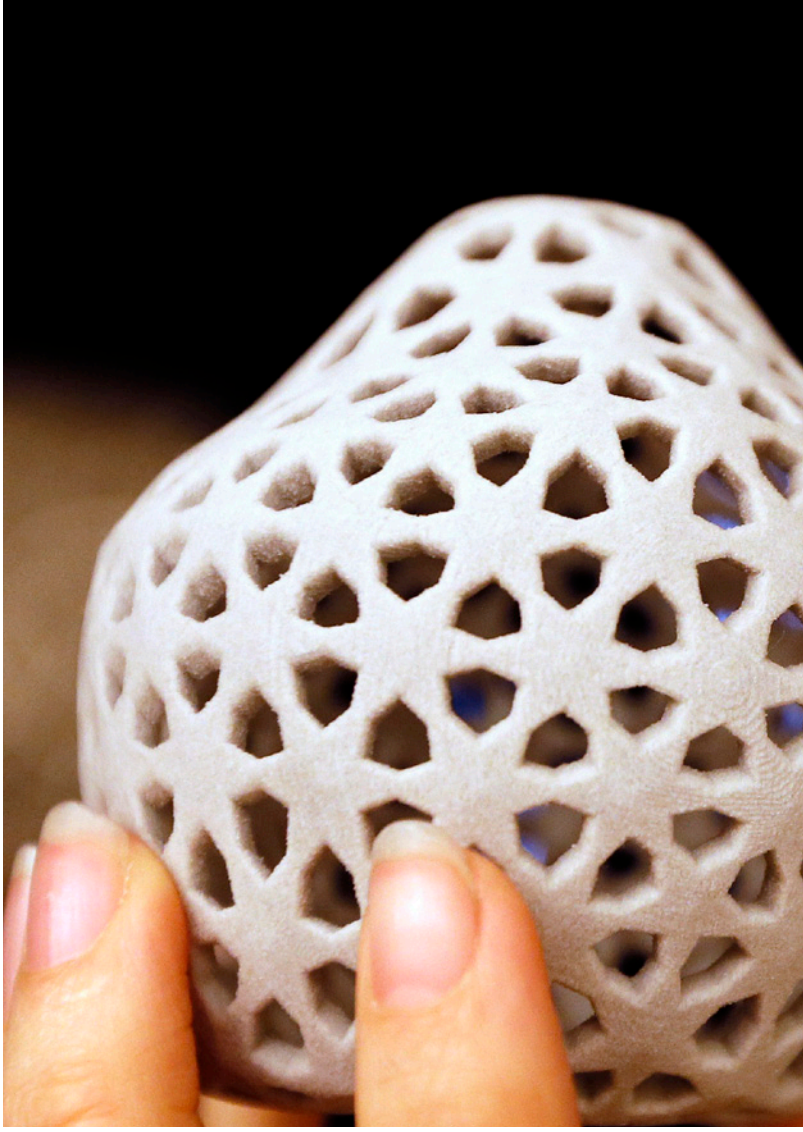
"AS BALEIAS-DA-GROENLÂNDIA PODEM FURAR CAMADAS DE GELO DE 91 CENTÍMETROS DE ESPESSURA E ELAS SÓ EMPURRAM O SUFICIENTE PARA RESPIRAR", DISSE JOHNNY AIKEN, DA COMISSÃO BALEEIRA DOS ESQUIMÓS DO ALASCA.

"NEM SEMPRE É POSSÍVEL VER AS BALEIAS, MAS PODE-SE OUVI-LAS." AS BALEIAS-DA-GROENLÂNDIA SÃO ALTAMENTE VOCAIS, E NENHUMA TEM A VOZ IGUAL A DE OUTRA.

Escaneie o código QR com seu celular ou clique aqui: http://goo.gl/pEUoA

Os milagres em 3D estão ao nosso alcance?

ANDRZEJ ZWANIECKI



Terry Wohlers é especialista e presidente da Wohlers Associates Inc., consultoria sediada no Colorado que dá assessoria em tecnologia há mais de duas décadas. No entanto, ele admite sentir-se pessoalmente frustrado em relação ao foco principal de sua empresa, fabricação aditiva ou impressão em 3D. Trata-se de um processo de fabricação de objetos sólidos a partir de um desenho digital tridimensional

Wohlers faz experiências com uma impressora 3D pessoal de baixo custo, usada para imprimir enfeites natalinos no último inverno, por exemplo. Ficou comprovado que o equipamento "era tudo menos sólido como uma rocha", disse ele. Assim, enquanto a mídia e os entusiastas se mostram empolgados com a revolução industrial do 3D, ele prefere chamá-la de "evolução" que poderá levar em última instância a mudanças radicais na produção, no empreendedorismo, na assistência médica e em outras áreas.

"Ainda não chegamos lá", disse Wohlers.

A Boeing é pioneira em impressão 3D. A empresa vem usando a tecnologia desenvolvida no final dos anos 1980 para produzir peças. A tecnologia é especialmente adequada para peças complexas ou customizadas fabricadas em quantidades limitadas. Essa característica, combinada com os custos cada vez mais baixos de impressoras 3D, atraiu a atenção de outros fabricantes.

Sonho de donos de empresa

Com a chegada de impressoras menores e mais baratas, o interesse na impressão 3D explodiu entre donos de empresa e artistas, que agora podem fazer mudanças de design em produtos baratos e produzir lotes pequenos, porém lucrativos. Desde 2008, as vendas de impressoras 3D pessoais aumentaram 65 vezes, chegando a mais de 23.260 em 2011, de acordo com Relatório da Wohlers de 2012.

Wohlers compara a expansão do 3D ao advento da era da computação pessoal. "Inicialmente apenas poucos tinham acesso a grandes equipamentos", disse ele. "Agora temos sistemas menores que qualquer pessoa pode comprar."

Algumas empresas pequenas imprimem objetos comuns e pequenos, como capas para iPhone, maçanetas ou bonecos articulados. Outros fabricam produtos mais sérios como instrumentos cirúrgicos, próteses, implantes médicos e aparelhos auditivos personalizados para as estruturas ósseas ou dos órgãos dos pacientes.

Pessoas criativas, como Summer Powell, encontram outras aplicações. Designer de joias de São Francisco, Summer Powell "descobriu" a impressão 3D, segundo declarou, devido à sua vontade de fabricar enormes brincos de diamantes. "Não havia nada no mercado como o desenho na minha cabeça", disse Summer. Assim, ela imprimiu seus próprios diamantes. A tecnologia 3D permite que ela crie "formas surpreendentes", disse, "difíceis ou impossíveis de serem produzidas por outros meios".

Várias empresas iniciantes alegam estar desenvolvendo produtos inovadores que vão de comida gourmet a sistemas de distribuição de medicamentos a tecidos humanos.

"As impressoras 3D vão mudar tudo em nossa vida", disse o líder da banda Black Eyed Peas, designer de moda e inovador em tecnologia Will.i.am na feira de tecnologia Consumer Eletronics Show 2013 em Las Vegas em janeiro.

Mas segundo Wohlers, faltam dez, vinte ou mais anos para muitos projetos terem resultados comercializáveis. No entanto, ele continua a fazer experiências com sua impressora porque acredita no potencial da tecnologia. Em algum momento no futuro, disse ele, "a impressão 3D ajudará muitas pessoas a realizar seus sonhos". ▧

A designer Penelope Kupfer exibe peça de porcelana fria feita por processo de impressão 3D

© AP IMAGES/KRISTY WIGGLESWORTH

"A impressão 3D ajudará muitas pessoas a realizar seus sonhos."

Explicação sobre a impressão 3D

1. **O projeto tridimensional de um objeto é criado com software de design gráfico, que controla todo o processo de fabricação.**
2. **O projeto é enviado a uma impressora e são escolhidos materiais como plástico ou borracha.**
3. **A impressora se movimenta, distribuindo os materiais em um processo de sobreposição de camadas.**
4. **Quando todas as camadas estão sobrepostas, o objeto está formado.**

© AP IMAGES

O 3D no futuro

1 Alimentação. Jeffrey Lipton, da Universidade Cornell, desenvolveu uma máquina 3D que imprime refeições comestíveis: chocolate, queijo, homus, vieiras e aipo. A empresa Modern Meadow LLC está desenvolvendo a tecnologia de bioimpressão em 3D para produzir carne.

Homaro Cantu, chef do Moto Restaurant em Chicago, usou uma impressora 3D para fazer sushi. No futuro, os astronautas poderão imprimir sua comida no espaço.

2 Corpo. Vários pesquisadores e empresas iniciantes, inclusive Patrik D´haeseleer do Laboratório Nacional Lawrence Livermore e a empresa Organovo, alegam que desenvolveram impressoras 3D que podem imprimir células e tecido humano. A Universidade de Iowa diz que está pesquisando processos em 3D para imprimir órgãos humanos.

3 Medicina. Empresas de biotecnologia, como a TeselaGen Biotechnology e a Parabon NanoLabs, planejam usar a impressão 3D para fabricação de medicamentos. A Aprecia Pharmaceuticals usa tecnologia relacionada com medicamentos originada no Instituto de Tecnologia de Massachusetts para seu sistema de precisão de distribuição de medicamentos.

4 Aviões. Um executivo da General Electric informou ao USA Today em fevereiro de 2012 que turbinas de energia e motores de avião fabricados pela empresa poderiam ser impressos em 3D dentro de dez anos.

ESPECIAL

Voluntários:
Resposta ao chamado

O serviço comunitário nos Estados Unidos é promulgado por presidentes e praticado por estudantes, bombeiros, líderes empresariais e pessoas comuns. Os membros do Corpo da Paz, ao prestar serviço voluntário em todo o mundo, passam a entender os outros como indivíduos.

© AP IMAGES; COURTESY PEACE CORPS

Corpo da Paz: uma experiência ousada

CHRISTOPHER CONNELL

Cinco décadas depois da famosa exortação feita pelo presidente John F. Kennedy "não pergunte o que seu país pode fazer por você; pergunte o que você pode fazer por seu país", o Corpo da Paz continua sendo a materialização desse ideal, um programa que envia 8 mil voluntários americanos, em sua maioria jovens, todos os anos para morar e ajudar pessoas em alguns dos países mais pobres do mundo.

Kennedy criou o Corpo da Paz por meio de um ato do Executivo 39 dias depois de fazer esse desafio em seu discurso de posse, e o Congresso aprovou a Lei do Corpo da Paz seis meses depois. Cerca de 210 mil americanos responderam ao chamado de Kennedy desde 1961, ensinando crianças, trabalhando com agricultores, melhorando a qualidade da água e do saneamento em vilarejos e trabalhando nas linhas de frente nas lutas contra a malária e o HIV/Aids.

Em uma nação em que nem o serviço militar nem o serviço civil dos jovens é obrigatório, o Corpo da Paz continua sendo uma enorme fonte de orgulho. As faculdades e universidades disputam para ver quem produz mais voluntários. A Universidade de Washington e a Universidade da Flórida dividiram essa honra em 2012, com 107 voluntários cada. Historicamente, a Universidade da Califórnia, em Berkeley, ocupa o primeiro lugar com 3.544 graduados que se juntaram ao Corpo da Paz.

O comentarista político Chris Matthews disse em seu programa de entrevistas *Hardball* na MSNBC em setembro de 2011: "No passado, o Corpo da Paz foi a experiência ousada de Kennedy. Depois de 50 anos, podemos dizer com segurança que a experiência funcionou, deixando um legado global de boa vontade." Matthews, que trabalhou em desenvolvimento do comércio na Suazilândia de 1968 a 1970, chamou seus colegas voluntários do Corpo da Paz de "os melhores embaixadores de base dos Estados Unidos".

Outros ex-participantes notáveis incluem o escritor Paul Theroux; os ex-senadores dos EUA Chris Dodd e Paul Tsongas; Alberto Ibargüen, presidente da Fundação Knight e ex-proprietário do *Miami Herald*; Donna Shalala, reitora da Universidade de Miami e ex-secretária de governo; e Lillian Carter, mãe do ex-presidente Jimmy Carter, que se inscreveu aos 68 anos para cuidar de pacientes de hanseníase na Índia.

Embora a maioria dos voluntários esteja na casa dos 20 anos e seja solteira — a média de idade é 28 anos — o Corpo da Paz diz que 7% têm 50 anos ou mais. As mulheres superam os homens em mais de 3 para 2.

LIGANDO OS PONTOS:
SEATTLE
GAINESVILLE, FLÓRIDA
BERKELEY, CALIFÓRNIA

Despedida de primeira classe

Tom Katus estava entre os primeiros participantes, interrompendo seus estudos de engenharia civil na Escola de Minas e Tecnologia da Dakota do Sul em 1961 para ir a Tanganica,

NO SENTIDO HORÁRIO, A PARTIR DO ALTO: © AP IMAGES; CORTESIA: CORPO DA PAZ

No sentido horário, a partir do alto: Primeiro grupo de voluntários do Corpo da Paz a embarcar para trabalhar no exterior despede-se em 29 de agosto de 1961; o diretor do Corpo da Paz, Sargent Shriver, cumprimenta estudantes durante sua visita à Turquia em 1964; voluntária dança com estudantes no Malaui; voluntário caminha com crianças na Indonésia

hoje Tanzânia. Ele ainda tem memórias vívidas da despedida do presidente Kennedy no Jardim das Rosas.

Katus, hoje com 73 anos, trabalhou em projetos hídricos e de controle de inundações em Tanganica. Quando retornou para casa, mudou de faculdade e de área e durante um tempo treinou voluntários do Corpo da Paz que iam para a África. Mais tarde, trabalhou com fundações em desenvolvimento comunitário na África e com faculdades tribais nos Estados Unidos.

O Corpo da Paz mudou a trajetória de sua vida e de muitos outros, disse o consultor de negócios, e as habilidades linguísticas e culturais adquiridas pelos voluntários também foram úteis para os Estados Unidos. Katus, que cumpriu um mandato no Senado da Dakota do Sul, considera o período que passou no Corpo da Paz um "investimento muito bom".

A maioria dos voluntários presta serviços na África (43%) e na América Latina (21%). Em seguida, vêm Leste Europeu/Ásia Central (15%), Ásia (10%), Caribe (4%), Norte da África e Oriente Médio (4%) e Ilhas do Pacífico (3%).

O trabalho nunca foi fácil.

Tim Glaza, 28, passou dois anos como agente florestal trabalhando com agricultores de subsistência no vilarejo de Hamabbonka, na Zâmbia. Morou sozinho em uma pequena casa de tijolos com telhado de palha, mas passava bastante tempo com a família anfitriã, que morava em duas casas ao lado da sua. "Eu dividia as refeições com eles", disse. O pai africano que o acolheu tinha duas esposas e 15 filhos. Não havia eletricidade, e o fornecimento de água ficava a 15 minutos de caminhada de distância.

Glaza ensinou os agricultores como melhorar suas plantações com técnicas de conservação e plantio de árvores agroflorestais. E teve uma grande decepção.

"Um terreno de demonstração que plantei tinha milho, feijão, amendoim e girassol", disse. "Plantamos tudo, tudo germinou lindamente. As plantações estavam ótimas, e acordei uma manhã e me disseram que o gado de alguém havia comido toda a plantação."

"Isso foi de cortar o coração", disse Glaza.

Sem desistir, Glaza procurou uma organização que ensina agricultura de conservação, que foi ao vilarejo e capacitou 60 agricultores.

"Aquela foi como se fosse minha obra-prima", disse Glaza, que hoje faz mestrado em Ciência Política na Universidade do Estado de Illinois. Depois de resolver os problemas no vilarejo, Glaza ficou na Zâmbia por um terceiro ano para transmitir o que havia aprendido, ajudando a treinar o próximo grupo de voluntários do Corpo da Paz. ▧

Ajuda de cima

Presidentes americanos que deram início a organizações de voluntários:

- Franklin Roosevelt: **Corpo de Conservação Civil**
- John F. Kennedy: **Corpo da Paz**
- Lyndon Johnson: **Vista**
- George H.W. Bush: **Fundação Pontos de Luz**
- Bill Clinton: **AmeriCorps**

Ao deixar o cargo, o presidente Jimmy Carter tornou-se voluntário regular da ONG **Habitat para a Humanidade**.

Transformando Bangladesh

CORTESIA: KORVI RAKSHAND

Korvi Rakshand pode identificar exatamente quando sua vida mudou. Foi em 2007, quando encontrou uma criança em seu país natal, Bangladesh, que pediu a ele para ser seu pai.

Rakshand, que cresceu em uma área privilegiada de Bangladesh, estava terminando a faculdade e se preparando para assumir a empresa bem-sucedida da família. Ele havia participado de algumas atividades filantrópicas durante seus anos na faculdade, mas raramente viu as dificuldades enfrentadas por muitos bengaleses até passar um dia trabalhando com um grupo de crianças de rua e ficar cara a cara com uma menininha que lhe disse ser órfã desde bebê.

Rakshand criou a Fundação Jaago, que fornece educação gratuita para crianças carentes. (A palavra "jaago" significa "acordar" em bengali, hindu e urdu.) "Para nós, a Jaago não é apenas uma organização; é um chamado dos jovens de Bangladesh para acordar a nação".

No início, a fundação consistia em 17 alunos, uma sala de aula e um tapete esfarrapado. A Jaago hoje tem seis escolas no distritos de Daca, Gazipur, Rajshahi, Chittagong e Gaibandha. Rakshand disse que a fundação espera abrir mais três escolas em Madaripur, Sylhet e Bandarban em um ano.

O crescimento da Jaago remonta à visita de Rakshand em 2010 à sede em Washington do AmeriCorps, programa do governo dos EUA que coloca jovens voluntários em serviço comunitário intensivo nos Estados Unidos. (A visita de Rakshand aos EUA foi feita por meio do Programa de Visitas de Líderes Internacionais do Departamento de Estado.)

"A ideia do modelo de uma organização financiada por voluntários surgiu durante uma das discussões que tivemos", disse Rakshand. Com essa inspiração, ele criou a Voluntários por Bangladesh como a divisão de voluntários da Jaago, e hoje a organização é a maior plataforma de voluntários do país, com mais de 10 mil voluntários.

Rakshand disse saber que educar crianças de famílias de baixa renda fortalece a sociedade bengalesa e protege o futuro do país. Mas, ele diz, em um nível mais pessoal, "não poderia estar mais feliz. Descobri minha vocação quando eu menos esperava". ▧

– Lauren Monsen

In loco

Americanos praticam o voluntariado no mundo todo para melhorar a comunidade global

FOTOS: CORTESIA: FIONA MARTIN

Fiona Martin (à direita)

Fiona Martin

Durante o primeiro de meus dois anos como voluntária do Corpo da Paz no Paraguai, conheci Jorge Chamorro, que estava ansioso por praticar seus conhecimentos como autodidata do idioma inglês.

trepadeiras com frutos verdes grandes e pesados. Muito contente, apanhei o que pensei ser um pepino maduro. Tinha um gosto horrível. Apanhei outro, só que dessa vez fritei-o levemente com manteiga e sal antes de prová-lo. Ainda estava horrível. Frustrada, perguntei ao Jorge por que meus pepinos e abobrinhas tinham esse gosto desagradável.

"São plantas de lufa. Não são para comer, você deve se lavar com elas!", disse ele.

Eu estava no Paraguai para ensinar técnicas agrícolas sustentáveis, mas era evidente que também tinha muito a aprender. Logo me aperfeiçoei na identificação de plantas e passei a criar um jardim diversificado para demonstrar a variedade de frutas e verduras que os membros da comunidade poderiam cultivar em vez de comprá-las.

Jorge salvou minhas papilas gustativas e também contribuiu para que o trabalho que comecei fosse adiante. Se o projeto tivesse sido interrompido depois de encerrada minha participação, qual teria sido o sentido? Eis o que fizemos em um projeto de plantio de árvores com escolas locais: Jorge, que estuda Ciências Agrárias em uma universidade de um vilarejo próximo, compareceu à primeira aula e assistiu à minha conversa com alunos e professores sobre reflorestamento e como plantar mudas de forma adequada. Alguns dias depois, com a nova série de aulas, ele deu aulas comigo. Finalmente, Jorge realizou seu próprio workshop, enquanto eu ficava de lado. Ele conseguiu a participação dos alunos com humor e paciência. Embora eu não esteja mais no Paraguai, sei que Jorge está lá para continuar o trabalho. Sua alegria e seu compromisso tornarão o projeto um sucesso duradouro.

ILUSTRAÇÕES © HUHU/SHUTTERSTOCK.COM

27%

dos jovens americanos fazem voluntariado.

FONTE: BUREAU DE ESTATÍSTICAS DO TRABALHO

Jorge Chamorro (à esquerda) e Fiona Martin

Jorge Chamorro

Fiona Martin e eu trabalhamos juntos durante o período em que ela esteve no Paraguai para melhorar a produção agrícola local. Construímos juntos um fogão econômico em consumo de combustível, e eu também a ajudei a planejar uma horta e construir as cercas ao seu redor.

Ela me ajudou a falar inglês e me preparar para o emprego de professor em uma escola local. Agora ensino a importância da horticultura e não apenas isso. Graças à ajuda de Fiona, falo com as crianças sobre hortas orgânicas, a importância do desmatamento e do reflorestamento e aquecimento global. Outros professores também estão engajados. Isso não é apenas conversa: ao final da permanência de Fiona, os alunos e os professores haviam plantado quase cem árvores. Era nosso "adeus" à Fiona.

Americanos prestam cerca de

8 bilhões

de horas de serviço voluntário por ano.

FONTE: CORPORAÇÃO PARA O SERVIÇO NACIONAL E COMUNITÁRIO E INDEPENDENT SECTOR

Jorge Chamorro (à esquerda)

SELOS: © SHED ARTWORKS/SHUTTERSTOCK.COM

Alina Kadhila (à esquerda) e Julie Hyman

FOTOS: CORTESIA: JULIE HYMAN

Julie Hyman

Quando cheguei à Vila Ekulo na zona rural do norte da Namíbia, de tanto nervoso fui tomada por uma vertigem porque tudo era estranho para mim.

Eu ia viver em um conjunto de casas e fazenda. Campos de *mahangu* (milheto) espalhavam-se por quilômetros, e crescia espinafre selvagem no quintal da frente. Galinhas ciscavam na areia debaixo dos meus pés. Cabras e vacas vagavam fora da cerca formada por troncos de árvores. Enquanto estava na cama sob a rede contra mosquitos, podia ouvir porcos grunhindo. As torneiras nem sempre funcionavam. Não havia eletricidade. A família que me abrigava falava um idioma que eu não entendia. Cozinhavam alimentos jamais vistos por mim. Lavavam roupa na mão. Eu precisava me esforçar para entender praticamente tudo que acontecia. Como eu poderia algum dia me tornar amiga de pessoas que pareciam tão diferentes?

Descobri depois que logo após minha chegada, meu *tate*, ou pai no idioma local, oshindonga, convocou uma reunião no vilarejo. Ele disse a todos que quando vissem uma *oshilumbu* (pessoa branca), era para me cumprimentar como a qualquer outra pessoa porque eu estava aprendendo a falar oshindonga. Ele lhes disse que me havia dado o nome de Nyanyukweni, que significa "ser feliz", porque minha atitude era positiva, que eu era como sua filha e esperava que todos me tratassem desse modo.

De noite, quando as estrelas brilhavam acima de nós e os burros zurravam, eu me sentava com meus irmãos da família anfitriã em volta de uma fogueira. Enquanto Lynette cozinhava mingau para o jantar, eu ajudava Fillimon, Kabila e Sakeus com a lição de casa. Eles me ensinavam sobre alimentos como o *oshikwila*, pão tradicional da Namíbia, e os modos de prepará-lo. Davam explicações sobre o tecido tribal tradicional ovambo, de listas de cor rosa forte e preta, e como ulular para comemorar um casamento. Eles me ajudavam a aprender a falar ohingonga ou pelo menos riam de modo afável comigo quando eu tentava aprender. Durante dois anos, nossas "lições" se tornaram um ritual noturno. Quatro adolescentes africanos, com quem antes eu pensava não ter nada em comum, tornaram-se meus amigos íntimos.

Logo após minha chegada, comecei a trabalhar na Biblioteca Comunitária Omuthiya. Exatamente como as crianças que eu cuidava como babá nos Estados Unidos, as crianças da Namíbia que vinham à biblioteca adoravam assistir a filmes, jogar palavras cruzadas em tabuleiro e ouvir histórias. Tenho orgulho das melhorias que fiz nos serviços da biblioteca e do esforço colocado na organização de um programa de desenvolvimento de jovens chamado Camp GLOW.

70%

dos bombeiros americanos são voluntários.

FONTE: ADMINISTRAÇÃO DE INCÊNDIOS DOS EUA

Alina Kadhila

Até conhecer Julie Hyman, eu nunca havia tocado em um computador. Eu queria aprender a usar um, mas não tinha ninguém para me ensinar. Julie me ajudou, e agora me sinto muito à vontade com computadores. (A princípio, você não pode acreditar como ela observava meu esforço até mesmo para usar o mouse!)

Julie, como outros voluntários, foi indicada para uma região onde eu frequentava a Escola de Ensino Médio Ekulo. Muitas vezes eu andava cerca de 20 quilômetros até a biblioteca para poder passar algum tempo com ela.

Julie ajudou a inaugurar a Biblioteca Comunitária Omuthiya, atendendo até áreas rurais não atingidas pelo desenvolvimento. Sou a mais velha de uma família de quatro filhos. Sempre foi difícil para meus pais, analfabetos e desempregados, que nunca tiveram a oportunidade de frequentar a escola, ajudarem-me a continuar a minha formação educacional. Era difícil eu me candidatar a instituições de ensino superior. Com a ajuda de Julie, eu me candidatei à Universidade da Namíbia, onde agora estou matriculada.

Julie fez com que eu tivesse contato com pessoas de diferentes origens pelo programa Camp GLOW. Antes disso, eu vivia com medo de brancos (inclusive americanos), devido à história colonial do nosso país. Meus pontos de vista mudaram. Observo o que esses voluntários fizeram pelo meu país e me alegro.

33%

dos voluntários costumam dedicar seu tempo por meio de organização religiosa.

FONTE: BUREAU DE ESTATÍSTICAS DO TRABALHO

Julie Hyman (à esquerda) e Alina Kadhila

FOTOS: CORTESIA: CORPO DA PAZ

Voluntária do Corpo da Paz em Tiflet, Marrocos, trabalha com um grupo de costureiras

Leah Squires

Há alguns anos, desci do avião no Aeroporto Mohammed V em Casablanca, Marrocos. Poderia bem ser a Califórnia: temperaturas amenas, sol brilhante e palmeiras. Pouca coisa mais eu conseguia registrar, em particular não entendia o idioma que estava ouvindo. Eu não havia estudado árabe e não podia confiar nos meus conhecimentos de francês do ensino médio.

Encontros iniciais com marroquinos seguiam um roteiro previsível, seguindo a tradução do darija (árabe marroquino):

Você é francesa? Não, sou americana. ***Qual é o seu nome?*** Leila.

Esse é o seu nome nos Estados Unidos? Não, mas é parecido. Nos Estados Unidos é Leah.

E você fala árabe? Um pouco.

Você reza? Não.

Você é muçulmana? Não.

Você é casada? Não.

Tenho um filho que gostaria de casar com você. Não, obrigada. Estou aqui para trabalhar e não para casar.

A princípio mal conseguia me comunicar em darija além dessas perguntas básicas. Agora posso planejar um programa com o diretor do Dar Chabab (centro de jovens), contar a história de como meus pais se conheceram e garantir a meu irmãozinho da família anfitriã que baleias-jubarte não comem pessoas. (Assistimos Alaska: Spirit of the Wild (Alasca: o Espírito da Vida Selvagem) em alta resolução no meu computador.)

Como voluntária no desenvolvimento de jovens, trabalhei no Dar Chabab ensinando inglês. Embora as aulas sejam fundamentalmente ministradas em inglês, às vezes dependo do idioma darija para algum esclarecimento. Às vezes, essas tentativas falham, como no dia que pretendia pedir aos alunos para trabalhar com seus vizinhos (jiran), mas em vez disso pedi para trabalharem com sua rã (jrana).

Atualmente, estou adquirindo prática em grande parte devido a projetos em cooperação com marroquinos. Recentemente dei um curso de redação criativa como parte de um programa patrocinado pela Associação Marroquina de Professores de Inglês. Antes eu avaliava o meu sucesso pelo número de potes de geleia feito para meus vizinhos, mas naquele dia consegui a presença de 55 professores na minha apresentação durante o workshop da associação.

Mais tarde, introduzi o programa "Passaporte para o Sucesso", da Fundação Internacional da Juventude, no Dar Chabab. Meus amigos Hassan e Jamal agora ministram o curso de lições de habilidades para a vida. Após nosso primeiro encontro, três meninas estavam preocupadas porque perderiam as aulas de domingo – é quando elas normalmente ajudam as mães a limpar a casa. Eu as acompanhei até em casa e tive um encontro de improviso com seus pais em que serviram chá e pão. Depois que garanti o consentimento dos pais, as meninas me perguntaram:

Você alguma vez castiga os alunos? Dá medo viver sozinha? Posso dar respostas mais sutis às perguntas agora que falo o idioma darija com maior confiança.

À medida que encontro minha voz árabe, também encontro entendimento e aceitação.

Valor estimado do tempo dedicado ao voluntariado:

US$ 22,14

por hora

FONTE: CORPORAÇÃO PARA O SERVIÇO NACIONAL E COMUNITÁRIO E SETOR INDEPENDENTE

Hassan Talagoza

Leah é legal e criativa. Ninguém mais poderia falar um idioma local em um tempo tão curto como ela.

Meu amigo Jamal e eu damos aulas todos os sábados e domingos no programa Passaporte para o Sucesso. Aprendi o valor do trabalho colaborativo.

No início, alguns estudantes não entendiam o conceito de chegar no horário. Eles tinham curiosidade, mas pensavam que podiam entrar e sair no momento que quisessem. Havia caos e barulho por toda a parte. Mas Leah nos dá instruções de como trabalhar com o grupo.

Uma vez Jamal escreveu no quadro branco com um pincel atômico permanente. Depois da aula, Leah, Jamal e eu ficamos apagando o quadro durante horas!

O programa pode ajudar os alunos a ficarem motivados para lutar para melhorar. Foram 16 aulas até agora, e os participantes estão totalmente interessados em levar adiante a experiência.

Voluntária do Corpo da Paz em Tiflet, Marrocos, joga xadrez com um amigo

Depois que o furacão Katrina atingiu a área de Nova Orleans, a Universidade Tulane tornou obrigatória a conclusão das aulas que vinculam o trabalho comunitário voluntário às áreas de estudo. As candidaturas à Universidade Tulane mais que dobraram desde que a exigência para a graduação foi anunciada.

FONTE: CENTRO DA UNIVERSIDADE DE TULANE PARA O SERVIÇO PÚBLICO

O lirismo dos Estados Unidos

DOUGLAS WOLK

Os cantores americanos de música pop adoram cantar sobre os lugares onde estiveram e para onde vão — os locais citados por eles podem dizer muito.

Los Angeles

A canção de Miley Cyrus "Party in the USA" contém algumas referências específicas sobre a sua viagem de Nashville, no Tennessee, até Los Angeles. No primeiro verso, Miley aterrissa em LAX, o maior aeroporto de Los Angeles. Ela vê "o letreiro de Hollywood", letras gigantes que caracterizam o centro do cinema e da indústria de entretenimento dos EUA. Na letra, ela menciona Jay-Z e Britney Spears, indicando a ambição de ganhar fama mundial.

São Francisco

Em "The Dock of the Bay", Otis Redding canta sobre deixar sua "casa na Geórgia/Em direção à Baía de Frisco". Nos anos 1960, para um negro americano como ele, isso significava ir para um lugar de oportunidades sociais e econômicas, mas também de grande insegurança.

Colorado

As Montanhas Rochosas estendem-se por cerca de 4.800 km na América do Norte, mas o seu pico mais alto é o Monte Elbert, no Colorado. John Denver, que morou a 60 quilômetros de distância, em Aspen, no Colorado, adotou o sobrenome da maior cidade do estado, e seu sucesso de 1972, "Rocky Mountain High", descreve chuvas de meteoros nas montanhas.

Kansas

"Wichita Lineman", clássico de 1968 de Glen Campbell, evoca as amplas e vastas extensões de terra no Meio-Oeste dos Estados Unidos e os postes telefônicos ao longo de suas estradas. No entanto, Wichita é, na realidade, uma cidade agitada e movimentada — a maior do estado do Kansas. Na verdade, o compositor Jimmy Webb fez a canção inspirado em um técnico de linha telefônica que viu na vasta amplitude do condado de Washita, em Oklahoma. Webb e Campbell mudaram o nome de Washita para Wichita porque Wichita soava melhor

Veja! Para assistir aos vídeos das músicas que aparecem neste artigo, escaneie os códigos QR com o seu celular.

"Party in the USA"	"Empire State of Mind"	"All Summer Long"	"Ho Hey"
goo.gl/XO1WJ	goo.gl/eVzJ1	goo.gl/n6peU	goo.gl/gqVFU

Rota 61

A música de Bob Dylan "Highway 61 Revisited" recebeu o nome da estrada interestadual (Rota 61 dos EUA) que corre na direção norte a partir de Nova Orleans, na Louisiana, mais ou menos ao longo da rota do Rio Mississippi. A sua simples menção traz à tona a história do blues: ela liga Nova Orleans a Baton Rouge (Louisiana) e Memphis (Tennessee), bem como Clarksdale (Mississippi) e St. Louis (Missouri) — para não mencionar, até 1991, Duluth (Minnesota), onde Bob Dylan nasceu.

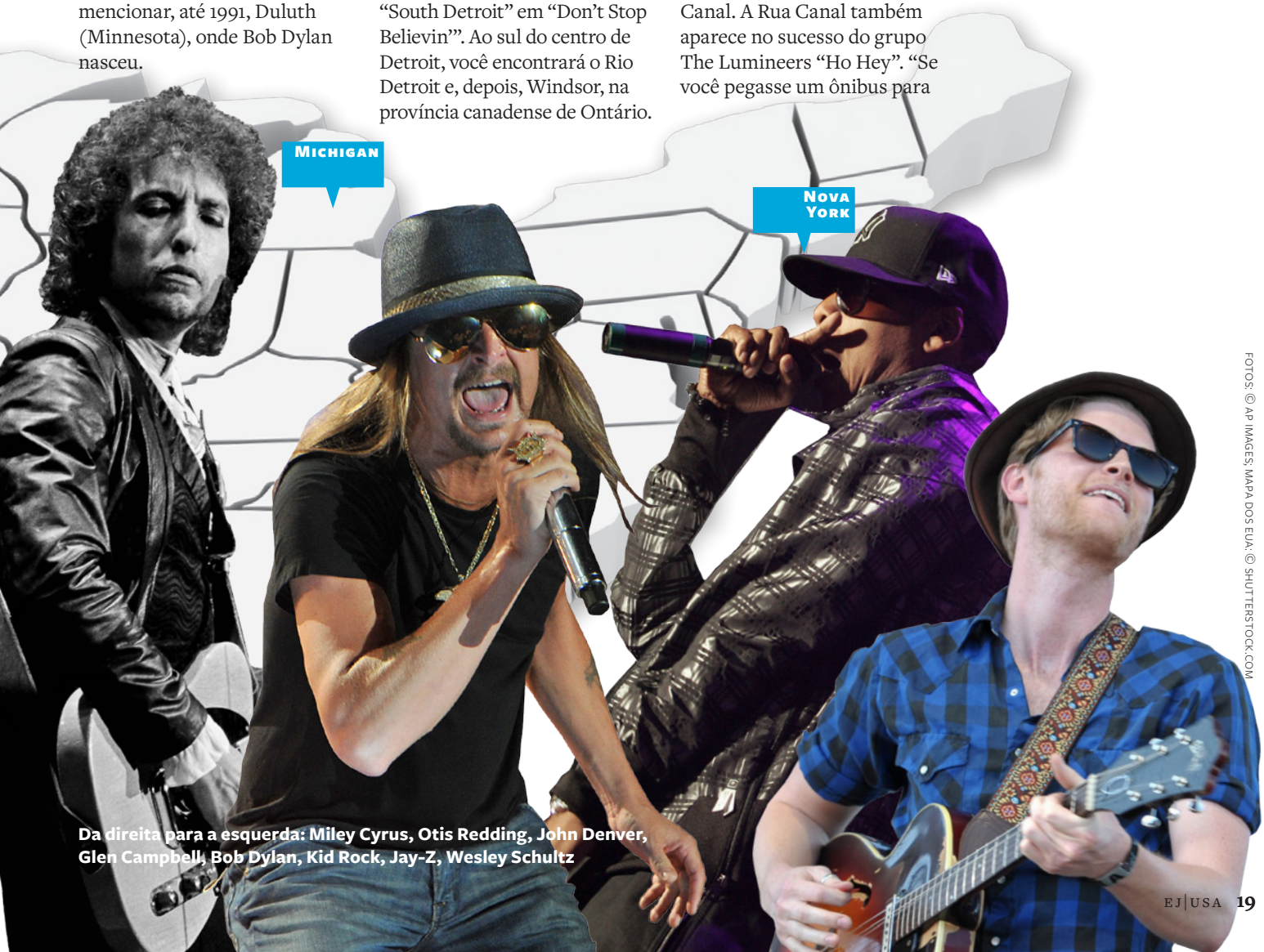
Michigan

Na música de 2008 "All Summer Long", na qual Kid Rock, natural de Michigan, cantava "Era verão no norte de Michigan/ Chapinhando nos bancos de areia/Conversando em volta da fogueira", ele situava sua canção em um lugar que conhecia bem: o Lago Torch, cujo famoso banco de areia atrai veranistas do Meio-Oeste dos Estados Unidos que podem ser vistos "pescando peixe no píer".

Se Steve Perry, do Journey, conhecesse Michigan melhor, ele não teria mencionado "South Detroit" em "Don't Stop Believin'". Ao sul do centro de Detroit, você encontrará o Rio Detroit e, depois, Windsor, na província canadense de Ontário.

Nova York

O dueto de Jay-Z com Alicia Keys, "Empire State of Mind", é muito específico sobre lugares. "560 State Street" é o endereço (no bairro de Boerum Hill no Brooklyn) onde Jay-Z morou no final dos anos 1990. Estar "fora de Bed-Stuy ... ir para o Tribeca", como se vangloria Jay, é ter ascendido economicamente do bairro de Bedford-Stuyvesant no Brooklyn para a próspera zona de Manhattan cujo nome foi abreviado para "Triângulo Abaixo do Canal", ou seja, Rua Canal. A Rua Canal também aparece no sucesso do grupo The Lumineers "Ho Hey". "Se você pegasse um ônibus para Chinatown", canta Wesley Schultz, "Eu ficaria em pé na Canal e na Bowery". Linhas de ônibus baratas fazem o percurso entre os bairros chineses de muitas cidades americanas, e o cruzamento da Canal e da Bowery fica exatamente no meio do bairro de Chinatown, em Nova York.



Da direita para a esquerda: Miley Cyrus, Otis Redding, John Denver, Glen Campbell, Bob Dylan, Kid Rock, Jay-Z, Wesley Schultz

FOTOS: © AP IMAGES; MAPA DOS EUA: © SHUTTERSTOCK.COM

O que disseram os diplomatas

6 ♠

"Se as mulheres do mundo em desenvolvimento não tiverem direitos iguais, não terão saúde igual. (...) É simples assim; o empoderamento da mulher não é um clichê politicamente correto, mas uma meta vigorosa e essencial para todos".

♠ 6

9 ♥

"Não somos uma nação perfeita, mas nossa Constituição nos dá direito à desobediência civil enquanto evoluímos para uma nação melhor."

♥ 9

7 ♦

"Esta organização [a ONU] foi criada para evitar que você vá para o inferno. Não foi criada para levá-lo ao paraíso."

♦ 7

10 ♠

"Todo mundo tem direito à sua própria opinião, mas não a seus próprios fatos."

♠ 10

2 ♣

"Todo o progresso resultou de pessoas que tomaram posições impopulares."

♣ 2

8 ♠

"A batalha da paz precisa ser travada em duas frentes. A primeira é a frente da segurança, onde vitória significa substituir o medo por liberdade. A segunda é a frente econômica e social, onde vitória significa a liberdade de querer."

♠ 8

4 ♣

"Há um lugar especial no inferno para mulheres que não ajudam outras mulheres."

♣ 4

3 ♥

"Não existe burocracia no mundo que não possa ser enxugada."

♥ 3

5 ♦

"Um governo não é legítimo simplesmente por existir."

♦ 5

ILUSTRAÇÕES: SONIA.EPS/SHUTTERSTOCK.COM

Desde 1945, a Missão Diplomática dos EUA nas Nações Unidas enviou 27 homens e mulheres à Assembleia Geral da ONU para representar os interesses americanos em questões como direitos humanos, desarmamento e ajuda humanitária. Identifique as citações com os embaixadores que as proferiram.

Adlai E. Stevenson II

(janeiro de 1961 — julho de 1965)

John R. Bolton

(agosto de 2005 — dezembro de 2006)

Madeleine K. Albright

(fevereiro de 1993 — janeiro de 1997)

Jeane J. Kirkpatrick

(janeiro de 1981 — abril de 1985)

Richard C. Holbrooke

(agosto de 1999 — janeiro de 2001)

Henry Cabot Lodge Jr. (R)

(janeiro de 1953 — setembro de 1960)

Edward R. Stettinius Jr. (L)

(dezembro de 1945 — junho de 1946)

Edward J. Perkins

(maio de 1992 — janeiro de 1993)

Daniel P. Moynihan

(julho de 1975 — fevereiro de 1976)

FOTOS: © AP IMAGES

© DOUGLAS GRAHAM/CONGRESSIONAL QUARTERLY/GETTY IMAGES

©UN PHOTO/ROSENBERG

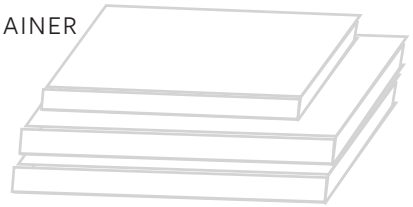
© HAL DO/AFP/GETTY IMAGES

© BETTMAN/CORBIS

ILUSTRAÇÃO: © MARCOS CARVALHO

Escribas do Sul

MARK TRAINER



O Sul abrange 2,3 milhões de quilômetros quadrados dos Estados Unidos e tem produzido um vasto acervo literário intimamente ligado à sua história e cultura.

Antes da Guerra Civil, alguns escritores como William Gilmore Simms descreveram o Sul — diferente do restante do país por sua ampla utilização de escravos no século 19 e pela cultura das plantações associada à escravidão — de forma idealizada. Ao mesmo tempo, escravos fugidos, como os reformistas sociais Frederick Douglass e William Wells Brown, escreveram com grande eloquência sobre os horrores da escravidão, e suas histórias contribuíram para o movimento crescente visando o seu fim.

Depois da Guerra Civil e da derrota dos estados do Sul, boa parte da ficção popular sulista foi tomada pela nostalgia dos tempos antes da guerra (*E o Vento Levou*, de Margaret Mitchell, é o exemplo mais duradouro).

Na primeira metade do século 20, livros como *Absalom, Absalom!*, de William Faulkner, e Seus Olhos Viam Deus, de Zora Neale Hurston, traçaram um quadro vivo e perturbador de uma região às voltas com a história da escravidão, a Guerra Civil e a consciência de que as tradições do Sul rural estavam sendo atropeladas pela modernidade.

De certa forma, a produção literária do Sul nos dias de hoje reflete as lutas recentes, as mudanças econômicas e a diversidade cada vez maior da região.

De certa forma, a produção literária do Sul nos dias de hoje reflete as lutas recentes, as mudanças econômicas e a diversidade cada vez maior da região.

Jesmyn Ward venceu o Prêmio Livro Nacional de 2011 por *Salvage the Bones* [*Resgate dos Ossos*], romance narrado por uma menina de 15 anos que acompanha uma família empobrecida na Costa do Golfo do Mississippi durante o furacão Katrina, um dos furacões mais mortíferos da história dos EUA.

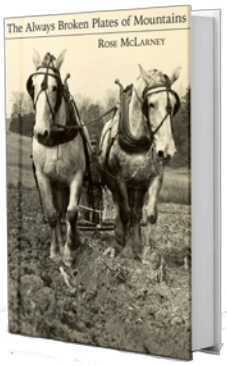
Lee Smith, cuja produção literária geralmente se passa nos Montes Apalaches do sudoeste da Virgínia, onde cresceu, descreveu para o público de um festival de livros as mudanças ocorridas na cidade onde vive agora, Carrboro, antiga cidade fabril da Carolina do Norte. "As fábricas fecharam, a universidade cresceu, os professores compraram as velhas casas das fábricas e Carrboro tornou-se 'a Paris do Piedmont' com suas butiques e cafés badalados." A escritora descreveu pessoas de origem tailandesa, japonesa, afro-americana, hispânica e coreana que ela encontra no restaurante de sushi que possui na cidade, junto com o marido. "Todas essas pessoas são sulistas, e quem pode afirmar que o próximo grande romance do Sul não será escrito por um birmanês? Estou aguardando o grande romance hispânico do Sul. E haverá um."

A vencedora do Prêmio Pulitzer Natasha Trethewey, que foi a poeta laureada dos EUA em 2012, nasceu de mãe afro-americana e pai branco em Gulfport, Mississippi, um ano antes de a Suprema Corte revogar as leis contra os casamentos inter-raciais. O jornal *The New York Times* escreveu que Natasha usa sua poesia "para explorar a memória e o legado racial dos Estados Unidos".

"Acho que os escritores sulistas, independentemente de raça, gênero ou etnia, têm um amor complicado pelo lugar sobre o qual escrevem", disse Michael Knight, diretor do programa de Redação Criativa da Universidade do Tennessee, em Knoxville, natural do Alabama e cujas próprias histórias mantêm laços próximos com o Sul.

Knight lembrou-se de um *outdoor* que costumava ver ao dirigir por Montgomery, Alabama, retratando Martin Luther King Jr. ao lado de Jefferson Davis, o presidente da Confederação Sulista. "O lema era algo como 'Montgomery — berço da Guerra Civil e dos direitos civis'. Lembro-me que fiquei chocado ao ver aquilo pela primeira vez — realmente envergonhado. Mas quanto mais eu passava por ali, mais começava a fazer um certo sentido. Sem a terrível paixão da guerra, você não teria a justa e bela paixão dos direitos civis, e ambos são produtos da mesma região. E a maior parte da literatura sulista existe nessas sombras sejam ou não os temas especificamente abordados. Está tudo misturado, e ou se ama ou se deixa". ▧

LIGANDO OS PONTOS:
- GULFPORT, MISSISSIPPI
- CARRBORO, CAROLINA DO NORTE
- KNOXVILLE, TENNESSEE
- MONTGOMERY, ALABAMA
- APALACHES (MONTES), CAROLINA DO NORTE
- FORT GORDON, GEÓRGIA

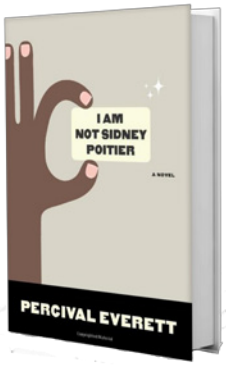


CORTESIA: ROSE MCLARNEY; FOTO: © NAOMI JOHNSON PHOTOGRAPHY

Rose McLarney cresceu no oeste rural da Carolina do Norte. Sua coletânea de estreia, The Always Broken Plates of Mountains [Os Pratos Sempre Quebrados das Montanhas] tem como cenário a paisagem dos Apalaches, onde ela ainda vive.

Resgate

Depois que desmataram as terras
de sua família para construir a
interestadual, a madeira foi ali deixada para
apodrecer.
Assim ele recupera as
ferramentas que seu bisavô usou,
ceifando algumas árvores que eram
antigas já naquele tempo.
Ele segura as serras — serras de fender,
serras manuais — para mantê-las firmes,
e as afia. Ele tritura a madeira, corta-a no
comprimento, para montá-la.
Ele retorce estacas puxando-as do entulho,
insere-as nos orifícios dos parafusos, elimina
o excesso, e lixa até que elas
fiquem macias e lisas.
Em seguida uma dúzia de camadas
de acabamento é aplicada.
Quando a mesa fica seca, ele leva panelas
diretamente do fogão para ela.
Nenhum sinal de calor aparece no verniz
denso, e não diz nada contra a mudança, ou
sobre a falta que faz aquele profundo toque
familiar.



CORTESIA: PERCIVAL EVERETT

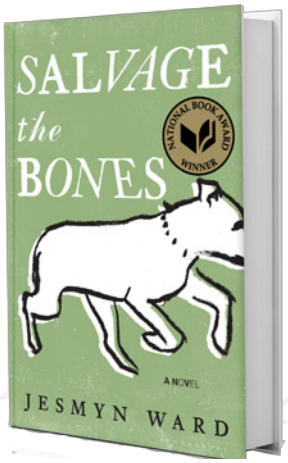
Percival Everett nasceu em Fort Gordon, Geórgia, e cresceu na Carolina do Sul. Além de escritor, trabalhou como músico de jazz, professor de ensino médio e peão em fazenda de ovelhas. Em I Am Not Sidney Poitier [Eu Não Sou Sidney Poitier], a excêntrica mãe do personagem do título dá ao narrador o nome característico de "Not Sidney" para diferenciá-lo do famoso ator.

Embora minha mãe, cujo nome era Portia Poitier, fosse absolutamente, sem dúvida nenhuma, comprovadamente louca, ela não era destituída de recursos.

Talvez ela simplesmente tivesse sorte, nunca vou saber e, portanto, nem você. Em 1970, quando eu tinha 2 anos, ela investiu cada centavo que possuía em uma empresa pouco conhecida chamada Turner Communications Group, que depois se tornaria a Turner Broadcasting System.

Cada centavo que tinha rendeu cerca de 30 mil dólares, a maior parte como resultado de um acordo com a empresa telefônica por conta de um acidente de elevador em seu trabalho — o que era bastante dinheiro para a época, e para alguém da nossa vizinhança era uma fortuna. Isso foi suficiente para torná-la obscenamente, constrangedoramente e podre de rica. Não tão podre de rica como teria sido se tivesse vivido um pouco mais. Em vez disso, fui eu quem me tornei insanamente podre de rico. Na verdade, ela tinha tantas ações que recebeu a visita do próprio Ted Turner pouco antes de morrer. Eu tinha 7 anos e me lembro do homem branco maníaco irrompendo em nossa casa como um tornado falante, pálido e bigodudo.

Jesmyn Ward cresceu em DeLisle, Mississippi. Salvage the Bones conta a história de uma família de Nova Orleans em um Mississippi atingido pela pobreza depois da chegada do furacão Katrina. Seu romance venceu o Prêmio Livro Nacional de ficção em 2011.



CORTESIA: JESMYN WARD; FOTO: © TONY COOK

"A casa", diz Randall, e sua voz é firme e tranquila, mas eu mal posso conter o pânico que sinto quando a casa lentamente se inclina como um barco à deriva.

"É a água", diz Skeetah. "É a água."

"[Impropério]!", berra papai, e logo estamos todos criando coragem na escuridão enquanto a casa se inclina mais uma vez.

"Água", digo eu.

"Nunca chegou até aqui." Papai respira. "O maldito riacho."

"Papai", sussurro, surpresa com a minha voz que está clara, firme e segura, como uma mão que se pode segurar no escuro. "Á água está no sótão."

Dessa vez a água chega mais rápido; com seus dedos líquidos ela se enrosca nos dedos dos meus pés, nos meus tornozelos e começa a subir para as minhas panturrilhas. É uma sedução rápida. O vento uiva.

"Havia uma família...", diz Randall.

"Sabemos disso", retruca papai.

Quatorze deles se afogaram em Camille. No sótão. A casa se ergue e parece se soltar mais uma vez de seus tijolos, e balança.

A linguagem dos esportes

FRED BOWEN

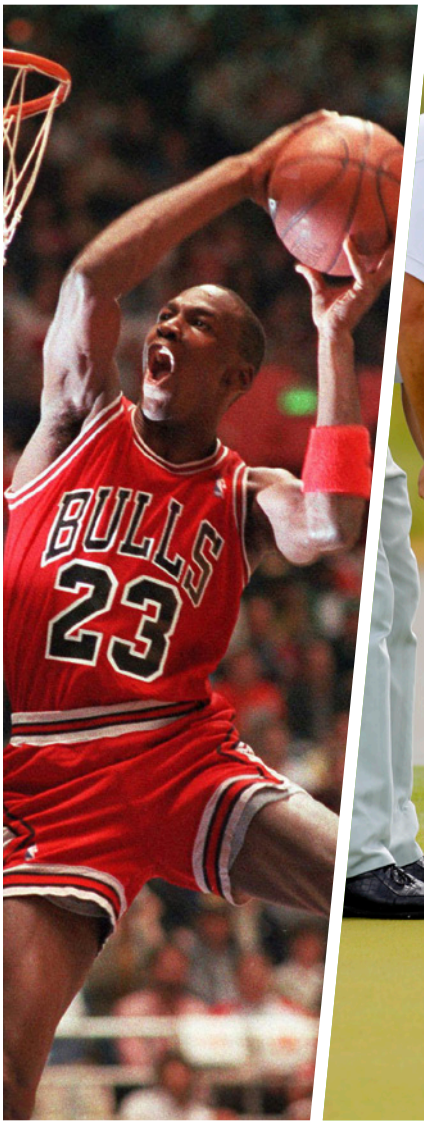
Esportes são um bom modo de aprender o inglês americano.

"Quem porventura desejar conhecer o coração e a mente dos Estados Unidos tem de aprender beisebol." Jacques Barzun escreveu isso em 1954, há quase 60 anos. Se o escritor e filósofo francês estivesse por aqui hoje, provavelmente incluiria alguns outros esportes.

Os Estados Unidos são loucos por esportes. Mais da metade dos seus 300 milhões de habitantes assiste pelo menos a parte do Super Bowl, o jogo de futebol americano profissional mais importante do ano. Cerca de 75 milhões de torcedores assistiram aos jogos da Liga Principal de Beisebol em 2012. E estão proliferando restaurantes em muitas esquinas do país onde os torcedores, usando a camisa do time, assistem às suas equipes favoritas de futebol, hóquei ou basquete em grandes telas de televisão.

Portanto, acho que se você quiser conhecer os Estados Unidos vai querer saber sobre muitos esportes. Ou pelo menos aprender a linguagem dos esportes. Porque a linguagem esportiva se infiltrou no idioma americano.

Paul Dickson, autor do *The Dickson Baseball Dictionary* e de vários outros livros sobre esportes e idioma, diz que a linguagem esportiva é popular por diversas razões. Em primeiro lugar, o uso da terminologia esportiva permite a pessoas de diferentes ocupações conversar umas com as outras. Afinal, muita gente pratica esportes e assiste aos eventos esportivos. É algo que quase todo mundo tem em comum. Por fim, a linguagem dos esporte é cheia de vida.



Michael Jordan enterra a bola

As excelentes tacadas de Phil Mickelson são o par do campo, isto é, rotineiras

Glossário de termos esportivos

Down for the count (fora de combate) | Quando um boxeador é derrubado e fica na lona. Se você não consegue prosseguir — talvez esteja doente e não possa nem mesmo sair da cama para ir trabalhar — você está fora de combate.

Pinch-hit (rebatedor substituto) | No beisebol, quando um jogador substitui o colega no taco. Se você não puder fazer um discurso em uma conferência, pode pedir a um amigo para ser seu rebatedor substituto.

Blindsided (atacado por trás em seu ponto cego) | Quando um forte ataque por trás pega de surpresa o quarterback no futebol americano. Você pode ser pego de surpresa pelo alto valor da conta de uma reforma ou por uma tarefa na escola ou no trabalho.

Drop the baton (deixar cair o bastão) | No atletismo, quando o corredor não consegue passar o bastão para o atleta seguinte em uma corrida de revezamento. Você deixa cair o bastão quando não consegue cumprir um prazo ou um compromisso importante.

Step up to the plate (subir na base) | Quando o rebatedor no beisebol entra no box do rebatedor na sua vez de jogar. Sempre que você assume uma tarefa ou toma uma decisão difícil, você sobe na base.

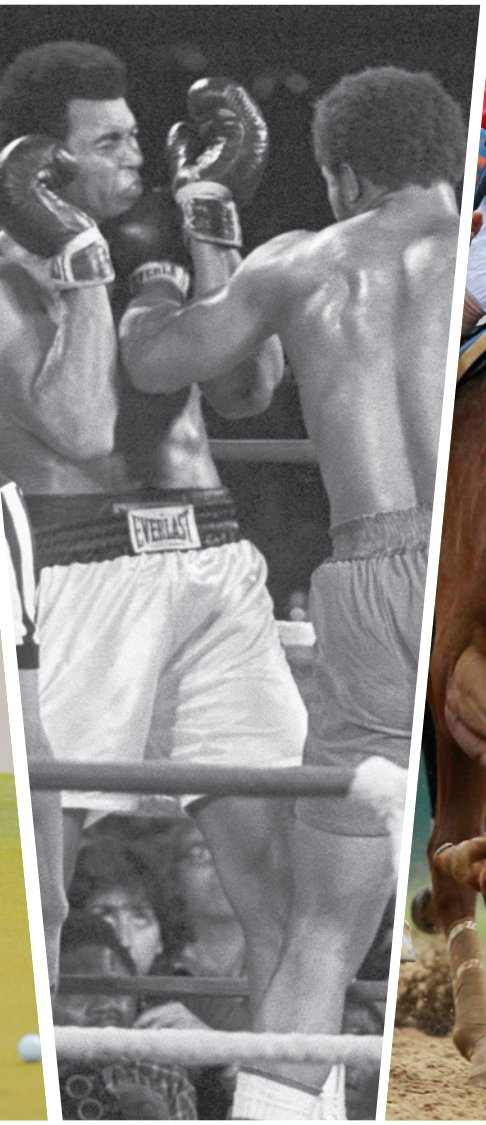
Knock it out of the park (mandar a bola para fora do limite do campo) | um home run no beisebol. No futebol seria o mesmo que "marcar um gol de placa". Quando você faz um excelente trabalho em alguma coisa, você manda a bola para fora do limite do campo.

Right off the bat (na velocidade da bola rebatida) | Isso significa imediatamente. A frase se refere à velocidade com que uma bola no beisebol é rebatida com o taco.

Game plan (plano de jogo) | Nos esportes, antes da partida, o treinador planeja a melhor maneira de derrotar o adversário. Um plano de jogo pode ajudar você a terminar a escola ou concluir uma tarefa complicada. Você precisa de um plano de jogo financeiro se desejar economizar dinheiro para fazer uma viagem ou comprar um carro.

Move the goal posts (mudar as traves do gol) | No futebol, os jogadores tentam chutar a bola entre as traves do gol. Se alguém mudar as traves de lugar, isso vai dificultar para você, seja para fazer o gol ou para concluir uma tarefa quando, por exemplo, um professor ou chefe muda de expectativa.

Touch base (tocar a base) | Um corredor no beisebol ou no softball tem de tocar uma base antes de poder passar para a outra. Você toca a base de alguém se trocar uma ideia com ele brevemente antes de tomar uma decisão ou fazer alguma coisa.



Os pesos-pesados Muhammad Ali e George Foreman esquivam-se dos golpes

Cavalos no Kentucky Derby correm na reta final para a linha de chegada
LOUISVILLE, KENTUCKY

© AP IMAGES

Você não acredita? A seguir apresentamos uma cena comum em um escritório usando vários termos esportivos, tente reconhecê-los.

Digamos que no escritório seja necessário fazer um grande relatório. Mas o funcionário que normalmente redige os relatórios está com gripe, portanto, fora de combate. O chefe quer que você seja o rebatedor substituto. Você se sente atacado por trás em seu ponto cego pela tarefa, mas não quer deixar cair o bastão. O melhor é subir na base e mandar a bola para fora do limite do campo.

Na velocidade da bola rebatida, você deve apresentar um plano de jogo. Certifique-se de tocar a base dos jogadores-chave, os pesos-pesados no assunto em questão.

Uma vez que você dá prosseguimento à tarefa e ganha confiança, o relatório será como uma enterrada de bola. É claro, o chefe pode mudar as traves do gol por desejar algo diferente. Mas não jogue a toalha, simplesmente esquive-se dos golpes e continue trabalhando.

Provavelmente o relatório só ficará pronto na linha de chegada, mas esse é o par do campo no seu escritório, ou seja, é o usual. E, lembre-se, se você marcar um *home run* nesse relatório, estará batendo um bolão para o seu chefe.

Agora você entende o que estou dizendo?

A linguagem esportiva é tão comum que é usada nas situações menos prováveis. John Roberts usou uma metáfora de beisebol em sua audiência de confirmação para presidente da Suprema Corte dos EUA e disse ao Congresso que via o trabalho na Justiça "como decidir sobre bolas boas e bolas ruins e não sobre arremessar e rebater".

Mais tarde, Roberts explicou uma decisão da Suprema Corte para relaxar a regulamentação de financiamento de campanhas com mais linguagem de beisebol. "Quando a Primeira Emenda está envolvida", escreveu Roberts, "o empate favorece quem se manifesta, não quem censura".

Evidentemente, tenha cuidado e não exagere na linguagem esportiva em seu trabalho ou em qualquer outro lugar, ou poderá "errar a bola". E todo mundo sabe o que isso significa. ▧

ICONES: © SHUTTERSTOCK/SHED ARTWORK

Heavyweights (pesos-pesados) | Os maiores lutadores no boxe. Um peso-pesado é uma pessoa importante no seu campo de atuação.

Slam-dunk (enterrada) | No basquete, quando um jogador joga a bola dentro do aro diretamente por cima da cesta. Algo que deve ser feito com facilidade é chamado de enterrada.

Roll with the punches (esquivar-se dos golpes) | Um boxeador evita ser atingido diretamente fazendo pequenos movimentos para se afastar dos golpes. Se você não se deixa aborrecer pelas coisas, isso significa que você se esquiva dos golpes.

Throw in the towel (jogar a toalha) | Quando a equipe do boxeador quer parar a luta, ela sinaliza do corner jogando uma toalha no ringue. Toda vez que você desiste, você joga a toalha.

Batting a thousand (batendo um bolão) | No beisebol, o rebatedor está batendo um bolão quando acerta todas as bolas na sua vez de rebater. Quando você realiza várias tarefas com perfeição, você está batendo um bolão.

Par for the course (par do campo) | O número esperado de tacadas em um buraco de golfe é chamado de par. Assim tudo que é usual ou tem o resultado esperado é um par do campo.

Home run | Quando um rebatedor no beisebol joga a bola por cima da cerca. Quando você faz um trabalho excelente, você marca um home run. Veja knock it out of the park acima.

Down to the wire (na linha de chegada) | Cavalos correm para a linha de chegada, que é um fio acima da raia. Quando uma eleição acirrada é decidida nos votos finais se diz que vai ser decidida na linha de chegada. Nem sempre se pode contar com o sucesso; às vezes, a conclusão de uma tarefa só ocorre na linha de chegada.

Strike out (errar a bola) | Quando um rebatedor não acerta nenhuma bola na sua vez de rebater. Sempre que você fracassa, você erra a bola.

Crédito extra

O que o presidente da Suprema Corte John Roberts quis dizer quando falou que o seu trabalho era "como decidir sobre bolas boas e bolas ruins e não sobre arremessar e rebater"? Por que ele diz que um empate favorece "quem se manifesta, não quem censura"?

(Dica: A Primeira Emenda diz o seguinte: O Congresso não deverá legislar no sentido de estabelecer uma religião ou de proibir o livre exercício de cultos; ou de cercear a liberdade de expressão ou de imprensa; ou o direito das pessoas de se reunir pacificamente e de encaminhar petições ao governo para reparação de injustiças.)

© AP IMAGES

Palavra por palavra

MARK TRAINER

© THINKSTOCK

Todo mundo depende de dicionários para conhecer as palavras. Perguntamos a um especialista o que as palavras que as pessoas procuram dizem sobre elas.

Em 1996, a Merriam-Webster, editora do dicionário mais lido nos Estados Unidos, colocou no ar sua versão on-line. Pela primeira vez, a editora tinha como saber o que e quando os usuários pesquisavam.

Peter Sokolowski, editor-geral da Merriam-Webster, faz um acompanhamento das palavras que as pessoas procuram.

Algumas palavras, independentemente do momento, sempre são muito procuradas. As duas mais procuradas são *affect* (afetar, afetação) e *effect* (efetuar, efeito), que são tão parecidas que as pessoas pesquisam para se lembrar que *affect* é mais comumente usada como verbo ("Como isso vai me afetar?") e *effect* é normalmente usada como substantivo ("Que efeito isso terá em mim?").

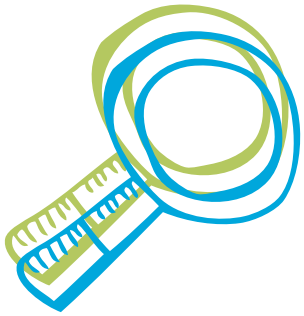
Mas Sokolowski observou que quase sempre há uma relação entre as palavras que as pessoas procuram e o que está acontecendo no mundo. Depois da morte da princesa Diana, "de repente *affect* e *effect* não estavam no topo da lista", disse Sokolowski. "O que observamos foi um tráfego enorme em torno de três palavras: *paparazzi* (fotógrafos que seguem pessoas famosas para tirar fotografias e depois vendê-las para a mídia), *cortege* (cortejo, fila de pessoas ou carros que se move lentamente em um funeral) e *princess* (princesa, talvez devido à confusão sobre o título real de Diana, então divorciada). As pessoas estavam ouvindo essas palavras na cobertura jornalística e pesquisando on-line para descobrir o que significavam.

Desde então, Sokolowski tem acompanhado o que se passa na cabeça dos americanos pelas palavras que procuram no dicionário. Em meados de março, houve um aumento da palavra *vernal* (de, relacionado com ou que ocorre na primavera), geralmente usada para descrever o equinócio no dia 20. Às vezes as pessoas procuram palavras conhecidas para esclarecer seu significado. Nos últimos anos, quando os tribunais estaduais e de Justiça nos EUA discutiam leis a favor ou contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo, houve um aumento na procura da palavra *marriage* (casamento). E, em todo 14 de fevereiro, Dia de São Valentim, a palavra mais procurada é uma que a maioria de nós imagina já saber o que significa: *love* (amor).

Às vezes, é preciso um pouco de raciocínio dedutivo para descobrir por que algumas palavras são mais procuradas em determinado horário do dia. Por que um número incomum de americanos procura à noite a definição de uma substância etérea da filosofia chinesa? Além do mais, por que a maioria dessas pesquisas é feita pelo celular? Sokolowski disse que depois do trabalho, quando os americanos estão longe dos computadores, muitos gostam de jogar Scrabble. Longe do computador, é provável que procurem *Xi* no celular na esperança de fazer facilmente 11 pontos no popular jogo de palavra-cruzadas. ▧

Evento de vocabulário

"O maior 'evento de vocabulário' que já presenciei desde que acompanho essas coisas", disse Sokolowski, "foi a morte de Michael Jackson, e seis palavras contam um período de três ou quatro dias dessa história. *Stricken* (acometido) [fortemente afetado por doença, problema, dor, tristeza] foi no sábado de manhã. *Resuscitate* (ressuscitar) [fazer alguém que está inconsciente ou perto da morte voltar para um estado consciente] foi à noite. *RIP* [abreviação de *rest in peace* (descanse em paz), muitas vezes escrito em lápides], no domingo. *Condolences* (condolências) [sentimento ou expressão de solidariedade e tristeza], no sábado à noite. *Icon* (ícone) [símbolo amplamente conhecido] foi a palavra usada em todos os obituários, e *emaciated* (emaciado) [muito magro devido a fome ou doença] apareceu no noticiário sobre o estado de seu corpo."



© THINKSTOCK

tudo sobre inglês

ADDITIVE (ADITIVO) | algo (como um produto químico) que é adicionado em pequenas quantidades a uma substância para melhorá-la de alguma maneira, p. 6

ANGLO | pessoa branca que vive nos EUA e não é hispânica — quase sempre usado antes de um outro substantivo, p. 3

BATCH (LOTE) | quantidade de alguma coisa feita de uma só vez..., p. 6

BLUBBER (camada de gordura) | gordura de baleias e de alguns outros animais que vivem na água, p. 4

CENSUS (CENSO) | processo oficial de contar o número de pessoas de um país ou cidade e coletar informações sobre elas — quase sempre usado antes de outro substantivo, p. 3

COMPOUND (CONJUNTO) | algo que é formado combinando-se duas ou mais partes..., p. 14

DISOBEDIENCE (DESOBEDIÊNCIA) | recusa ou falha em obedecer regras, leis, etc. | falta de obediência, p. 20

IMPROMPTU (DE IMPROVISO) | não preparado com antecedência | feito sem preparação, p. 16

INTERSTATE (INTERESTADUAL) | estrada principal que liga dois ou mais estados | estrada interestadual, p. 19

LEGACY (LEGADO) | algo (como bens ou dinheiro) que é recebido de alguém que morreu..., p. 9 e 22

LEGITIMATE (LEGÍTIMO) | ... real, aceito ou oficial..., p. 20

LONGEVITY (LONGEVIDADE) | vida longa | o fato de viver muitos anos ..., p. 4

MAGNUM OPUS (OBRA-PRIMA) | uma grande obra | a maior realização de um artista ou escritor, p. 11

NONPARTISAN (APARTIDÁRIO) | que não apoia um grupo ou partido político em detrimento de outro | não partidário, p. 3

ORIGINATE (originar) | começar a existir | ser produzido ou criado..., p. 7 e 26

PEDESTRIAN (PEDESTRE) | pessoa que caminha em uma cidade, ao longo de uma rua, etc., p. 3

PLANTATION (PLANTAÇÃO, FAZENDA) | grande área de terra em especial em uma região quente do mundo onde lavouras (como a do algodão) são cultivadas..., p. 22

REGARDLESS (independentemente) | apesar das dificuldades, problemas, etc. | sem ser detido por dificuldades, problemas, etc...., p. 7 e 26

ROAM (VAGAR) | ir para diferentes lugares sem ter um propósito ou plano em particular, p. 14

SANDBAR (BANCO DE AREIA) | área elevada de areia com a parte superior próxima ou acima da superfície da água à beira de oceano, lago ou rio, p. 19

SAUTÉ (DOURAR) | fritar (alimento) com pequena quantidade de gordura, p. 12

SPECIFIC (ESPECÍFICO) | especial ou particular | clara e exatamente apresentado ou afirmado | preciso ou exato..., p. 18, 19, 22 e 26

USADO COM AUTORIZAÇÃO DE MERRIAM-WEBSTER'S LEARNER'S DICTIONARY © 2013 (WWW.LEARNERSDICTIONARY.COM), MERRIAM-WEBSTER, INC. (WWW.MERRIAM-WEBSTER.COM). © THINKSTOCK

LIGANDO OS PONTOS

MAPA ADAPTADO DE EVE STECCATI

Dínamo diplomático

THOMAS PICKERING

© AP IMAGES

Thomas Pickering foi embaixador dos EUA na Rússia, na Índia, em Israel, na Nigéria, na Jordânia e em El Salvador. Como enviado à ONU no início dos anos 90, participou de sessões de abertura da Assembleia Geral da ONU.

Em 17 de setembro, o centro de Manhattan passará por uma transformação. Haverá três vezes mais tráfego que o normal em torno do complexo das Nações Unidas, delimitado pela Primeira Avenida a oeste e pelo East River à leste entre as ruas 42 e 48. Quando a 68ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas estiver em curso, grande parte do centro de Manhattan será fechada para permitir a chegada dos chefes de Estado e respectivas delegações de 193 países.

Como os diplomatas apresentados abaixo, fui embaixador dos EUA nas Nações Unidas de março de 1989 a maio de 1992. Como os diplomatas apresentados nas páginas 20 e 21, fui embaixador dos EUA nas Nações Unidas de março de 1989 a maio de 1992. Foi extraordinário participar da abertura da Assembleia Geral, na qual o presidente dos EUA e outros líderes mundiais discursam.

Foi um desafio tanto para os participantes quanto para os vizinhos da ONU. Praticamente ninguém podia fazer nada no bairro se não fosse a pé. Durante grande parte da minha carreira, servi como embaixador em vários países e quase sempre achava os detalhes costumeiros de segurança inconvenientes. Mas durante a Assembleia Geral da ONU, realmente fiz questão de segurança apenas para me ajudar a chegar às reuniões das quais eu precisava participar!

Se você estiver longe da confusão, talvez ache que não há razão para prestar atenção às reuniões da ONU. Mas, acredite, as ações tomadas pela ONU ainda são importantes. O organismo internacional pode moldar opiniões entre os líderes do mundo, criar legitimidade para o uso da força e proteger os direitos humanos por meio de seu Conselho de Direitos Humanos. Para melhor entender o que se passa, assista ou leia os discursos proferidos por líderes importantes. Preste atenção aos relatórios sobre as reuniões do Conselho de Segurança quando há a participação de chefes de Estado.

Embora a primeira Assembleia Geral tenha sido realizada em 1946, a assembleia atual continua crucial para a paz, a estabilidade e a segurança. Nos próximos anos, há várias coisas que considero que a ONU pode realizar — soluções políticas na Síria e para o conflito árabe-israelense, nova coordenação da comunidade financeira internacional e ações para lidar com doenças como a malária. Em meio ao alvoroço deste mês no centro de Manhattan, os delegados chegarão mais perto dessas realizações. ▧

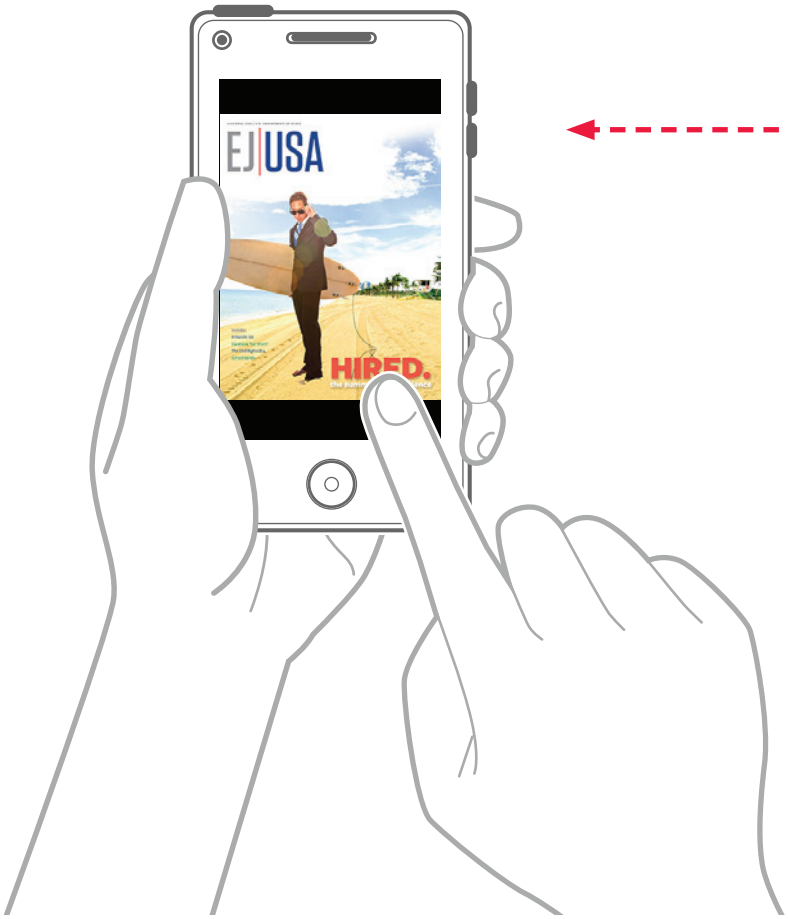
EJ|USA

Disponível em formato eletrônico em várias línguas em: ejusa.state.gov

Grupo de voluntários repinta parede de prédio que havia sido pichada

© SPIRIT OF AMERICA/SHUTTERSTOCK.COM

surf US



ejUSA.state.gov

sobre os EUA | on-line | o tempo todo

Embaixada dos Estados Unidos da América

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS
BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS